

RESUMO: O artigo aborda a importância da leitura, da poesia e dos Direitos Humanos no contexto da literatura brasileira contemporânea, a partir das ideias de Antonio Candido e de Walter Benjamin, analisando ideias formuladas por esses autores em dois ensaios: “O direito à literatura” (CANDIDO, 1995) e “O narrador” (BENJAMIN, 1985). Destacam-se ainda algumas iniciativas recentes que mostram como os problemas e impasses mencionados nesses ensaios permanecem atuando no contexto da literatura brasileira, mas ganharam soluções e iniciativas promissoras nas últimas duas décadas, especialmente no campo da poesia, tais como as publicações independentes, as leituras de poesia, as literaturas feitas por mulheres, o movimento hip hop e as disputas de *slams* e o florescimento dos saraus nas periferias de São Paulo. O teor de performance (ZUMTHOR, 2007) que essa literatura comporta aponta para o estatuto ambíguo de uma arte que almeja um alcance amplo sem abrir mão de sua postura crítica e atuação social.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, direitos humanos, poesia, literatura brasileira contemporânea

ABSTRACT: This article analyses the importance of reading, poetry and Human Rights in Brazilian Contemporary Literature. To do so, it starts reviewing and comparing essays by two authors: Antonio Candido (“The right to literature”) and Walter Benjamin (“The narrator”). The text highlights some important initiatives in the Brazilian culture field in the last two decades, such as the independent publication scene, poetry readings and feminist literature, Brazilian Hip Hop movement and the emergency of slam poetry and “saraus” in the peripheries of São Paulo. This poetry includes performance (ZUMTHOR, 2007) as a way of reaching a broader audience and also tries to maintain its political power and sense of justice.

KEY WORDS: reading, Human Rights, poetry, Brazilian contemporary literature

O direito à poesia – narrativa, leitura e circulação da literatura no Brasil de hoje

Bruno Zeni

As relações entre a leitura e a experiência, entre a arte literária e o acesso aos livros e às histórias contadas por escritores, narradores e poetas estão pautadas no Brasil pela dificuldade e pela desigualdade de condições de acesso, fruição e memória. O ensaio de Antonio Candido “O direito à literatura”, um dos textos centrais para pensarmos essas relações dificultosas, foi publicado em 1988, no contexto da redemocratização brasileira, depois de mais de 20 anos de ditadura militar.

O crítico começa por marcar as contradições da realidade brasileira, com uma sociedade marcada pela iniquidade, em que, mesmo quando cresce a riqueza, sua concentração muitas vezes impede que as melhorias de vida alcancem todos os setores da população. Além disso, Candido toca em problemas maiores e universais, ligados à “racionalidade técnica” e ao “domínio sobre a natureza”.

Tais questões apontam para uma problemática complexa, que diz respeito aos efeitos deletérios, quando não devastadores, do que estamos acostumados a chamar de progresso. Isso ocorre em todos os países do ocidente, mas é particularmente grave no caso brasileiro, em que as necessidades elementares para uma vida digna são privilégio de poucos. E o crítico não economiza na dureza de seu diagnóstico: vivemos em uma sociedade bárbara — ele conclui em seu preâmbulo —, mas uma barbárie fortemente vinculada a um máximo de civilização.

Os passos iniciais do autor vão no sentido de contextualizar a instituição dos Direitos Humanos e defender a literatura como um bem “incompressível”.¹ A baliza histórica do crítico é o momento do pós-guerra e o julgamento dos crimes contra a humanidade cometidos pelo nazi-fascismo. Segundo ele, os tribunais de Nuremberg “foram um sinal dos tempos novos”, em que não é mais admissível que um general celebre

1 Os termos “bens compressíveis” e “bens incompressíveis” são, como diz Candido no texto, do Padre Lebrez. Sociólogo e padre dominicano, o francês Louis-Joseph Lebrez (1897-1966) foi um dos principais representantes do desenvolvimentismo católico entre os anos de 1940 e 1960, liderando o movimento Economia e Humanismo.

uma vitória erigindo templos aos vitoriosos ou regozijando-se com a derrota, a humilhação e o massacre dos vencidos.

É bom ter em vista essas questões antes de discutirmos o alcance maior de suas reflexões, que passam por uma visão abrangente e estrutural. De certa forma, reproduzo neste comentário o movimento do crítico rumo a suas conclusões sobre a valorização da leitura e da literatura na vida das pessoas comuns e não apenas na dos literatos, artistas, intelectuais e estudantes.

No que nos interessa mais de perto, penso que a reflexão de Candido vai em caminho semelhante à de Walter Benjamin. Refiro-me, sobretudo, ao conhecido ensaio de Benjamin intitulado “O narrador”, que parte de reflexões em tempos igualmente bárbaros, os tempos da ascensão do fascismo na Europa, e na ideia bastante comentada da crise da narrativa tradicional e da noção de experiência.

São questões que permanecem, lamentavelmente, atualíssimas. Procuramos aqui, assim, comentar alguns pontos desses dois ensaios, de forma a pensarmos os desafios que a relação entre leitura e direitos humanos continua a nos apresentar.

Uma literatura abrangente

A noção de literatura que sobressai no ensaio de Candido é ampla e aponta para uma necessidade inata do ser humano. Como comenta o crítico, não há cultura que não apresente alguma forma de literatura, seja ela oral, escrita, em forma de canção, poesia, ficção, narrativa, causo popular. E, ao final do texto, os exemplos recaem sobre clássicos da literatura ocidental. Essa abrangência, e a valorização daquilo que o autor chama de literatura de qualidade,² dão mostras da importância, que Candido tanto preza, do valor artístico para a vida cotidiana.

2 O professor Marcos Natali aproximou a compreensão de Candido do conceito de “literatura mundial” de Goethe. Ver NATALI (2006).

O crítico equipara o direito à literatura a outros direitos básicos, que ele chama de “incompressíveis”, como o direito à alimentação, à moradia, ao vestuário. E conclui que a literatura, seja o folclore, sejam as lendas, a música, os chistes, o causo e a mais alta elaboração literária, são “formas complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Não há povo que possa viver sem alguma espécie de “fabulação”. A literatura é “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”.

Candido aproxima a poesia e a narrativa do devaneio e da fantasia, com uma concepção que tangencia a abordagem psicanalítica. Há pontos de contato com o pensamento freudiano, o que renderia uma discussão à parte. Anoto apenas que a concepção da literatura, por parte de Candido, é a seu modo complexa: uma aventura formadora da personalidade, que “pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração”. Para o autor, ela instrui, testa os limites do certo e do errado, mas não “corrompe” nem “edifica” — ela humaniza de maneira profunda, pois “faz viver”.

A noção da poesia e da narrativa como experiências profundas o aproxima de Walter Benjamin e sua análise da crise narrativa. No ensaio “O narrador”, Benjamin procura compreender — o autor escreve na década de 1930 — a crise pela qual passa a experiência tradicional e a capacidade de contar. Algumas de suas formulações se tornaram bastante conhecidas, como a de que os soldados voltavam emudecidos dos campos de batalha da Primeira Guerra e a constatação de que “as ações da experiência estão em baixa”.

A metáfora financeira não é inocente: um dos problemas que afetam a própria arte narrativa é a penúria material e a crise econômica severa por que passava a Europa. Além disso, a importância cada vez maior da informação, isto é, da matéria jornalística de caráter fragmentado e impactante, também contribuía para a desarticulação da narrativa tradicional. Como a experiência pessoal, transmissível de pessoa a pessoa, é o que Benjamin mais valoriza nas narrativas, ele pressupõe que as melhores histórias escritas são aquelas que se aproximam das histórias orais contadas pelos narradores anônimos. Dentre esses, o autor irá identificar dois grandes grupos: o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. São tipos fundamentais, nos quais Benjamin reconhece paradigmas de como a experiência e a narração se interpenetram e se consubstanciam.

A eles Benjamin ainda irá acrescentar o trabalhador manual, o artífice. As histórias florescem no meio dos artesãos. A narrativa é uma forma artesanal de comunicação.

Assim como Candido, Benjamin também não é um autor ingênuo, e vai entender esse declínio da sabedoria e da narrativa em articulação com a transformação dos modos de produção.³ Daí sua atenção ao livro como suporte material que deu origem ao romance burguês, à imprensa, ao jornalismo diário, à fotografia, ao cinema e outras formas de comunicação da época, que também o ocupam em outros ensaios, como “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. No caso da narrativa, para Benjamin a era da informação retirou o “miraculoso” e o “extraordinário” das histórias tradicionais para, em seu lugar, colocar o “plausível” e as “explicações”.

As histórias tradicionais, contadas por meio da arte narrativa, são capazes de causar espanto e reflexão. A informação é absorvida em si mesma, sem suscitar desdobramentos. A musa da narrativa é a memória. A musa do romance moderno e da nova era é a rememoração, mais individual, fragmentária e melancólica. Apesar dessas impressões desfavoráveis aos novos tempos e do apreço pela narrativa tradicional, Benjamin parece não tomar partido. Ao falar do romance e da luta contra o poder do tempo, Benjamin expressa com muita acuidade as contradições dessa narrativa transformada e decaída que é a arte romanesca.

Acesso à poesia e seus modos de circulação

Voltando a Antonio Candido, para o crítico brasileiro a literatura é: (1) uma construção de objetos autônomos, (2) uma forma de expressão, (3) meio de conhecimento. E o crítico, como não poderia deixar de ser, para alguém que formulou a noção de “sistema

3 Apesar do travo nostálgico, Benjamin não é um saudosista de um tempo anterior ou de uma inteireza comunitária que se perdeu. Como diz Jeanne Marie Gagnebin, a visada teórica de Benjamin “se atém aos processos sociais, culturais e artísticos de fragmentação crescente e de secularização triunfante, não para tirar dali uma tendência irreversível, mas, sim, possíveis instrumentos que uma política verdadeiramente materialista deveria poder reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de deixar a classe dominante se apoderar deles e deles fazer novos meios de dominação” (GAGNEBIN, 1999).

literário” (CANDIDO, 1975), também aponta para as questões estruturais implicadas na produção e na circulação da literatura.

Assim, além do aspecto formal intrínseco a qualquer construção artística e da visão de mundo do autor ou autora, isto é, além de valorizar a forma e o ponto de vista da poesia ou da narrativa, uma das questões fundamentais que o texto de Candido apresenta é, para além da necessidade fundamental da literatura e da poesia para todos os seres humanos, compreender como esse direito básico não se cumpre ou não se assegura sem uma distribuição e uma circulação mais igualitárias dos bens culturais e da palavra artística.

O crítico valoriza a literatura empenhada, a chamada literatura social e humanitária, como um “instrumento consciente de desmascaramento”, mas sua conclusão é a de que os leitores se interessam pela literatura que lhes fala diretamente ao coração, e que mesmo os clássicos, de leitura muitas vezes difícil, seriam acessíveis aos homens mais simples. O que resulta daí é uma visão otimista e esperançosa de que a literatura é essencial e que a boa literatura não encontra barreiras de classe ou formação. O xis da questão — e Candido parece muito atento a isso — é garantir o direito à literatura, isto é, o acesso a ela e a uma circulação mais igualitária desse bem incompressível.

Quase um século depois do ensaio de Benjamin e décadas depois das reflexões de Candido, as questões intrincadas entre a arte de narrar, de comunicar a experiência e provocar não apenas a fruição, mas também a reflexão e a sabedoria, continuam a nos desafiar. Se o crescimento da importância da imprensa diária já se fazia sentir nos anos 1930, na transformação radical do modo de falar da realidade, o desafio do imediatismo e da fragmentação se intensifica neste momento de nova revolução na comunicação, com a consolidação da internet e das comunicações em escala mundial via redes sociais *on-line* (Facebook, Instagram e Twitter) e outras plataformas digitais de entretenimento e informação (como YouTube e WhatsApp). De um lado, temos as possibilidades democráticas da internet (o acesso amplo e gratuito para muitas atividades e tipos de informação), mas de outro também suas armadilhas (como as *fake news* e os perfis falsos e abusivos, muitas vezes criminosos).

Em relação à situação atual no Brasil, vivemos ganhos expressivos nas últimas décadas, tanto do ponto de vista de uma democratização

acentuada do acesso ao ensino superior e a outras fontes de informação e cultura, que também as novas mídias proporcionaram, quanto da resistência de movimentos artísticos e sociais de grande importância. Pode-se destacar a ascensão do rap e do funk como gêneros musicais de forte presença nas periferias, com trânsito também nos sistemas instituídos de difusão e comercialização. No âmbito da literatura (e da narrativa), também o rap e a cultura hip hop desempenharam papel importante, como precursores do momento atual de força dos saraus de poesia. Outras iniciativas relacionadas à literatura e situações de risco e privação mereceriam ainda algum destaque, como no caso da importante leva de publicações de literatura prisional da década passada, da qual participei como coautor de *Sobrevivente André Du Rap*, sobre o Massacre do Carandiru, e os trabalhos de clubes de leitura na prisão, atualmente em curso, com destaque para o da editora Companhia das Letras em um presídio do Estado de São Paulo.

Como nosso tema inicial foi a aproximação entre os ensaios de Candido e de Benjamin, penso que, ao voltarmos às reflexões dos dois autores, podemos pensar em algumas possibilidades de preservação da sabedoria e da experiência nos tempos atuais. Os saraus e os *slams* de poesia, os clubes de leitura e a enorme popularidade do rap nas periferias me parecem sinais alentadores de que, em torno da narrativa, da poesia e da palavra informada pela experiência profunda — feita de aprendizado, de transformação, de dor — ainda permanece a vontade de ouvir a experiência do outro. Tomando as reflexões dos dois autores e a permanência da força da canção, da poesia e do desejo de leitura e aprendizado na cultura brasileira, talvez seja o caso de pensar na *transformação* da narrativa, nos tempos atuais, mais do que no *desaparecimento* da arte de contar ou do trabalho com a palavra poética e artesanal.

Para tanto, às de Benjamin e Candido talvez possamos acrescentar as reflexões de Paul Zumthor sobre a performance para sentirmos como a forma com que a palavra continua a se transformar em bem comunitário e democrático comporta não apenas a articulação verbal mas também o corpo, as histórias de vida inscritas no gesto, na voz, no tom, na luta e nas potências dos indivíduos que, apesar dos tempos desfavoráveis, permanecem inconformados e incoercíveis, ainda sonhando, lembrando, criando e fazendo poesia — em música, em rap, em disputas de *slam*,

nos palcos, em cena, em espetáculo, na rua, nos bares, nas passeatas, ocupações etc.

Como diz Zumthor, distinguindo obra de texto, na primeira há elementos que em geral não codificamos, como a entonação e o gesto, sem falar no contexto da performance poética: tempo, lugar, cenário. Nas ocorrências contemporâneas da poesia, em que a voz e o corpo do autor ou da autora, ou do declamador, ou do falador de poesia são elementos indissociáveis do texto que se enuncia, ou mesmo dos textos escritos — basta pensar em como os contextos biográficos e sociais são hoje determinantes para a projeção e a afirmação da autoria —, é preciso atenção à potência dos elementos não verbais, como a modulação da voz, a postura do corpo, em suma, à performance da obra (ZUMTHOR, 2007, p. 73). E talvez Benjamin concorde com ele: “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor (pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional).” (BENJAMIN, 1985, p. 213).

Desafios da poesia num ambiente político desfavorável

A importância crescente da centralidade da performance na literatura contemporânea é uma das questões que nos interessam de perto. Isso ganha relevo se pensarmos na alteração profunda que algumas dessas iniciativas promoveram no sistema literário brasileiro de algumas décadas para cá. Há algo de substancialmente diferente em nosso meio literário, que perdeu sua aura em tempos recentes. Os motivos são muitos: as novas tecnologias, a perda de importância e prestígio da imprensa escrita, certo recolhimento do intelectual acadêmico do debate público, e a ascensão de novos atores na cena da literatura, como os *rappers*, os poetas e as mulheres, especialmente as mulheres militantes, as feministas e as mulheres dedicadas à valorização da literatura feita por mulheres.

Nesse panorama, vale destacar algumas iniciativas dos últimos anos, como os saraus de poesia das periferias de São Paulo, os *slams* que vêm ocorrendo não apenas nos espaços consagrados a essa prática, como as ruas e os lugares públicos, mas que ganharam destaque em locais mais instituídos, como os SESC; feiras de zines e publicações independentes,

que têm aberto espaço a produções literárias mais experimentais; festas literárias inspiradas no modelo da FLIP, mas com recorte mais social, como a FLUPP (Festa Literária das Periferias), no Rio de Janeiro; clubes de leituras com recortes os mais variados, como os promovidos em espaços prisionais, ou movimentos, como o Leia Mulheres (#leiamulheres), e eventos, como o Mulherio das Letras e a própria FLIP, que nas últimas edições se abriu para uma curadoria mais atenta à diversidade e à inclusão.

No cerne dessas influências recíprocas estabelecidas recentemente entre centro e periferia, entre manifestações artísticas militantes e instituições poderosas, como grandes editoras e institutos culturais, há certas tensões — por exemplo, entre sucesso e conscientização, fama e anonimato, inserção e postura crítica — que continuam pautadas por relações ambíguas, de favorecimento e aproveitamento, de um lado, e de aspereza e recrudescimento, de outro.

Neste momento de alteração da dinâmica do sistema literário e cultural brasileiro, grandes editoras, institutos culturais tradicionais, museus, bibliotecas e casas de cultura se abrem para as produções periféricas, e as produções periféricas transitam da periferia ao centro. Nesse contexto ardiloso, os Racionais MCs se destacam. Desde o início da carreira, o grupo optou por uma postura arredia, que recusa a participação no circo televisivo e midiático e impõe uma trajetória distanciada do *mainstream*. Entretanto, o grupo fez concessões importantes, sem, no entanto, se render à lógica mercadológica ou a um barateamento de seu trabalho artístico: participou de uma premiação da MTV, em 1998 (prêmio de melhor videoclipe de rap para “Diário de um detento”), e de programas como o *Ensaio*, da TV Cultura, em 2003 (logo depois do lançamento do disco *Nada como um dia depois de outro dia*). Mano Brown, líder do grupo, esteve no centro do programa de entrevista “Roda-Viva”, da mesma TV Cultura, em 2007. Recentemente, um dos discos da banda, *Sobrevivendo no inferno*, foi escolhido como leitura obrigatória para o vestibular em 2020 da Unicamp. É a primeira vez que um disco é adotado como obra em um exame desse tipo no país. Isso ocorre na esteira de outra incursão do grupo por um caminho mais instituído: a publicação, em 2018, do livro homônimo, *Sobrevivendo no inferno*, pela Companhia das Letras, editora consagrada e de prestígio, que nos últimos anos —

além da respeitabilidade que angariou ao longo dos mais de 30 anos de existência — também experimentou uma guinada para o centro do sistema capitalista global, ao se tornar parte de um conglomerado de editoras, o grupo Penguin Random House (que assumiu o controle acionário da Companhia das Letras, em 2018).

Nesse trânsito recíproco das expressões periféricas e militantes rumo ao reconhecimento e a uma ressonância maior, talvez as iniciativas dos SESCs, especialmente em São Paulo, sejam as mais conhecidas. Suas várias unidades na capital paulista vêm contemplando, por exemplo, parte do movimento de poesia periférica, sediando versões de alguns dos mais importantes *slams* da atualidade. São exemplos recentes: o sarau da Cooperifa, um dos mais antigos da cidade, já promoveu mais de dez edições da Mostra Cultural da Cooperifa, com atividades em diversos pontos da periferia paulistana e em unidades como o Sesc Campo Limpo; a final do Slam BR 2018 aconteceu na unidade do Sesc Pinheiros; em 2019, o Sarau das Pretas e o Slam das Minas se apresentaram conjuntamente no Sesc Itaquera, o Sarau do Binho aconteceu no Sesc 24 de Maio e o Sarau Elo da Corrente, que já tinha se apresentado no Sesc Pompeia (em 2014), voltou ao Sesc, agora na unidade Pinheiros.

Outro exemplo mais pontual, talvez sem o mesmo alcance social dos SESCs, mas sintomático da dinâmica de centro/periferia, é a edição de um livro de poesia nascida nos *slams* feita por uma editora de grande porte. É o caso de *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), antologia de poetisas mulheres *slammers* organizada pela poeta Mel Duarte. O livro foi publicado pela editora Planeta, multinacional do setor, com atuação importante no Brasil. O fato de uma grande editora ter publicado em papel, no formato tradicional do livro, uma produção de poesia nascida das ruas, feita por poetisas que usam a voz, o corpo e a cadência dos versos declamados, talvez diminua a potência performática dessa poesia, mas, por outro lado, permite que os nomes dessas poetisas e suas palavras circulem em um meio mais intelectualizado e abastado, apontando para um trânsito entre classes, formações e tradições que, sem isso, poderiam continuar se ignorando mutuamente.

Para terminar essas considerações, apontamos para um quadro instável, que pode ser visto como sinal de pulsação e emergência de novas formas poéticas, mas que ainda vive a ameaça de um contexto social e político marcado por desigualdade, em um momento de ascensão de

forças conservadoras. Em um contexto assim, essa produção literária se mostra a um só tempo pujante e vulnerável. No início do texto de Candido, escrito em outro momento político, certamente mais esperançoso, ele observava que a consciência sobre os Direitos Humanos e sobre as desigualdades havia se entranhado no cotidiano e até mesmo na linguagem, inclusive no “palavreado bem-pensante” das classes dominantes. O que vemos hoje, no entanto, é um recuo dessa consciência, um momento de grande reação conservadora às conquistas das últimas décadas, que remontam justamente à redemocratização e à promulgação da Constituição de 1988. O momento é delicado, o que não nos desanima; ao contrário, motiva a perseverar na luta por mais acesso à cultura, à literatura e à leitura. Os caminhos continuam árduos e acidentados. Sigamos atentos às dificuldades e inspirados pela noção de que a poesia é um bem de todos e para todos. ■

Bruno Zeni

Doutor em Teoria Literária pela USP, com pós-doutorado em Literatura Brasileira na mesma Instituição. Professor de Criação Literária no Instituto Vera Cruz.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. v. 1. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Duas Cidades: 1995.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*, 7. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1975.
- DU RAP, André, ZENI, Bruno. *Sobrevivente André Du Rap (do massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto, 2002.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Não contar mais?”. In: *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- NATALI, Marcos. (2006). Além da Literatura. *Literatura e sociedade*, 11 (9), 30-43. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i9p30-43>. Acesso em: 9 out. 2019.
- PALMEIRA, Maria Rita Sigaud. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. Tese (Doutorado). Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo, 2009.
- TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Estud. Lit. Bras. Contemp.* [online]. 2013, n.42, pp.11-28. ISSN 2316-4018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2316-40182013000200001>.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.